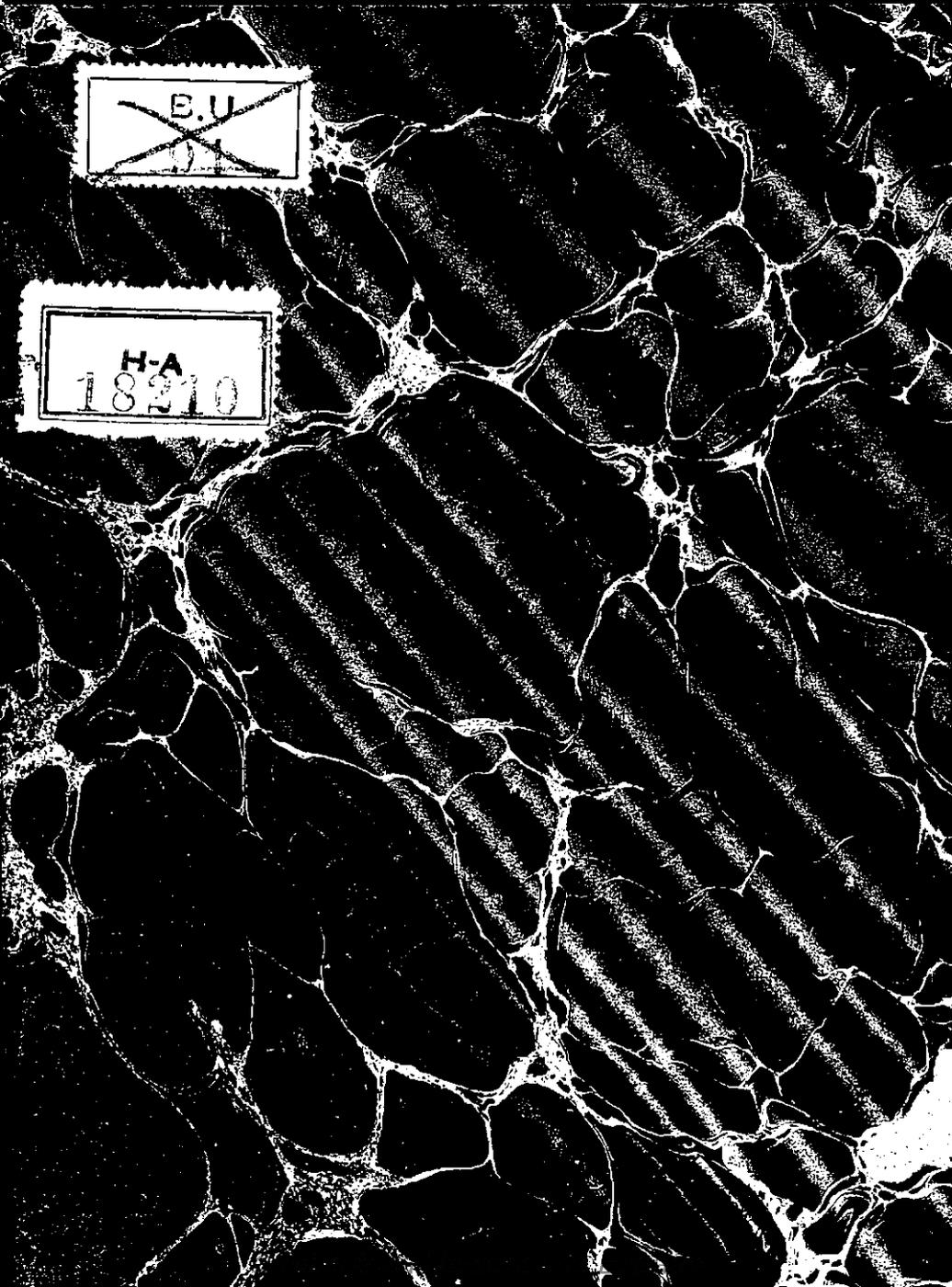


LEAL O AMAZONIA

1822

~~B.U.~~
~~18210~~

H-A
18210





OSCAR LEAL

286



AMAZONAS



O AMAZONAS

CONFERENCIA

Realizada na Sociedade de Geographia de Lisboa
em 9 de Novembro de 1894

PELO

Dr. Oscár Leal

Formado em cirurgia Crancana, Membro correspondente das Sociedades de Geographia de Lisboa e Rio de Janeiro. Director da revista illustrada *A Madrugada*. Socio honorario de varias corporações scientificas, etc. etc.

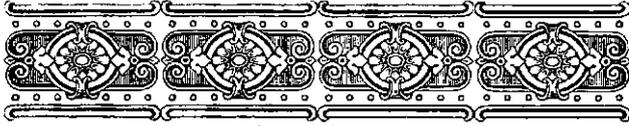


LISBOA

TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL

14, Largo do Pelourinho, 17

1894



O Amazonas

E grande, meus senhores, a commoção que agita todo o meu ser, ao ver-me diante de tão illustre auditorio, ao qual tributo respeito e admiração. Uma cousa, porém, desde já vos declaro — é que se o atrevimento é grande, a vontade de ser util á patria, torna-me audacioso, mas convicto de que cumpro o meu dever.

A alta idéa que me inspiram as reuniões scientificas, onde o prestigio se conquista pelo estudo e se impõe pela franca exhibição dos tropheos conquistados no campo da lucta a tanto me anima.

Sinto deveras não ter palavras com que exprimir a minha gratidão pela benevolente attenção que principiaes a dispensar-me n'este momento.

Como ides ver, o meu trabalho é rudimentar e pobre como peça scientifica ou litteraria.

São notas e descripções de uma região muito extensa, quasi despovoada, se bem que muito rica em productos naturaes ainda mal explorados, cortada de largas vias de communicação fluvial, de clima variado, mas em geral quente e possuindo terrenos ferteis que deverão ser de grande valor para o futuro da humanidade, como já disse abalizado éscriptor.

Vou pois, tentar, dar-vos a conhecer essa região amazonica, sobre que ainda ha muito que dizer e que contar.



A região amazonica tem sido estudada e visitada por iminentes homens de sciencia, taes como Humbolt, La Condamine, conde de Castelnau, d'Orbigny, Martius, Smith, os brazileiros Barbosa Rodrigues, Torquato Tapajoz, Moreira Pinto e muitos outros que seria longo citar; entre os quaes um grande numero de exploradores que com seus estudos e investigações têm engrossado o cabedal de conhecimentos, que se encontram impressos em diferentes idiomas, tornando conhecidas as buscas e

descobertas feitas na flora e na fauna, clima, topographia e navegação.

Muito pouco pude, com certeza, ajuntar ao que têm escripto homens tão illustres, porém embora sejam fracos os meus esforços, d'elles resultará talvez que alguma cousa faça, tornando conhecida de vós ainda mais esta zona, que bem se pôde denominar a mais bella região hydrographica do mundo.

O phenomeno da condensação que se produz pelas aguas meteoricas, tem sua origem alli nas nuvens formadas pela evaporação dos mares, que se vão despedaçar de encontro aos Andes.

Condensados os vapores levados pelos ventos geraes, d'elles se desprendem levadas d'agoa que vão formar diversos valles e rios cortando inumeras extensões e que se reünem antes de alcançarem o oceano atlantico.

O Amazonas e seus affluentes banham uma immensa região, cujos terrenos de alluvião estão cobertos por uma vegetação espessa e muitas vezes quasi impenetravel e sob a qual a vida organica se desenvolve rapida e brilhantemente.

Entra-se no Amazonas, deixando a capital paraense, pelo canal de Tagypuru e não pelo canal de Bragança, que não é mais do que a bocca do

Tocantins. Muitos geographos têm chegado a affirmar que este ultimo rio é um simples tributario do Amazonas, todavia o engano é palpavel.

As aguas do Tocantins correm independentes pela orla meridional do archipelago de Marajó, ao passo que as do Amazonas banham a orla septentrional do mesmo, sem que entre ellas se estabeleça a menor confusão. Pelos canaes de Tagypurú e Breves, o Amazonas é que envia uma pequena parte de suas aguas que se unem ás do Tocantins nas bahias de Melgaço e Breves.

Os leitos dos dois grandes rios estão á distancia de quarenta leguas um do outro. Completa a separação o archipelago de Marajó que véda a permixtão de ambas as aguas. Finalmente a união d'ellas só tem lugar com as do oceano.

Da mesma fórma se tem acreditado que Marajó seja simplesmente uma ilha, quando é um dos maiores archipelagos do globo. Conta cerca de duas mil e tantas ilhas separadas por canaes e formando um conjuncto isolado completamente de terra firme pelo canal de Tagy-puru e pelos dois grandes rios.

Na maior d'estas ilhas, como informo em uma das minhas obras de viagens, ha campos vastissimos onde se cria gado bovino e cavallar. As ma-

rés dos piniluvios chegam a cobrir quasi todos os pontos e fazendo-se um estudo vêr-se-ha que ainda estão no seu periodo de formação.

E' até crível que seculos atraz alli existisse apenas um grande baixio e mais tarde uma praia sobre a qual fossem parar lias e sedimentos levados pelas marés e pelas aguas dos dois rios, originando o seu volume gradual e seccularmente

Isto assim parece, pela existencia de outras pequenas ilhas que se vão formando ao redor do mesmo archipelago.

N'estas paragens o calor é mitigado pelas brisas maritimas.

Antes de passar a tratar do Amazonas devo dizer alguma cousa sobre a bella e rica cidade de Belem do Pará, emporio d'esta vastissima região e cujo grande progresso é recente e depois da proclamação da republica no Brazil.

Banhada pelas aguas da bahia de Guajará, esta cidade parece d'ellas sahir, sentindo a palpação da grande arteria fluvial no mais profundo do seu leito.

Não se parece com o Porto, nem com Lisboa, nem com Veneza, Napoles ou qualquer outra capital europêa. O Pará é puramente, essencialmente uma cidade americana, parecendo a certas horas



do dia em que o calor equatorial ali se faz sentir com mais intensidade, entregar-se a delicioso espasmo, passadas as quaes o movimento e o bullicio se fazem sentir, denotando aos olhos do viajante extasiado a grandeza do seu progresso sempre crescente e que augmenta anno a anno, dia a dia.

O seu horisonte é amplo e descortinado, as suas ruas e praças calçadas de madeira, são bellas e asseadas, as suas avenidas e boulevards em contrario das que dividem o centro das grandes praças européas conduzem a lindos arrabaldes, avenidas orladas de encantadoras vivendas, de chalets e chacaras silenciosas e sombreados os seus *trottoirs* espaçosos por gigantescos vegetaes, que dão uma nota bem viva ao forasteiro dos esplendores da flora equatorial.

Passeios de asphalto e de cimento, jardins publicos sem gradcamento, entregues ao cuidado do povo que os frequenta nas horas de descanso, um theatro e uma cathedral, talvez superiores aos melhores edificios d'este genero existentes em todo o paiz; assim como muitos outros que seria longo citar, tornam esta cidade digna de ser visitada.

Não faltam ali riquissimas casas de modas e objectos de luxo, magnificos restaurants e hoteis,

como os não ha eguaes em Pernambuco e Bahia, principaes cidades do norte do Brazil e superiores aos Pará somente em população.

Pouco mais de cem mil habitantes possui a bella cidade paraense e conhecer-se-ha quanto é grande o seu progresso, se se lembrar que ha vinte annos passados a sua população era inferior a cincoenta mil.

Confeitarias, restaurants de luxo, carros de praça, mictorios publicos, estatuas e muita cousa mais que não existe n'aquellas outras cidades, ha e de sobra na bella capital paraense.

Entre os estrangeiros, salientam-se as colonias italiana e portugueza como mais numerosas.

Brevemente o Pará deve ser illuminado a luz electrica, como muitas outras cidades dos estados de S. Paulo e Rio de Janeiro já gosam d'esse importante melhoramento. A respectiva empresa já deu começo aos seus trabalhos.

Actualmente ha alli tres mil predios em construcção, sendo para notar que nos ultimos tres annos a vida tem-se tornado carissima, e um homem de posição regular, não pode viver decentemente com menos de quinze a vinte mil réis francos diarios.

No entanto. ahi onde a vida é cara, onde se

soffre os rigores do clima, além das molestias endemicas que tem desaparecido quasi completamente nos nltimos annos, com as medidas de saneamento postas em execução, ninguem no Pará morre de fome, ninguem morre na via publica e n'esta raras vezes se vê um pobre estender a mão para pedir uma esmola. Quando infelizmente, isso se dê, è para notar que o desgraçado (felizardo?) é estrangeiro e muitas vezes especula com a caridade publica, que lá é prodiga e de mãos largas.

A este respeito devo dizer-vos que no Brazil raras vezes se vê um cidadão em dias adversos de sua existencia chegar a pedir esmola

O brasileiro soffre calado, mas é soberbo e tem nariz; não estende a mão porque além da humilhação julga molestar aquelles que não têm culpa dos malles da humanidade. Se é pobre, se ainda n'este dia não almoçou nem jantou, por falta de meios, mas se em todo o caso tem no bolso um tostão, é capaz de dal-o muito generosamente ao primeiro que lhe estenda a mão e lho peça, fazendo aquillo mesmo que bem necessitava que outro lh'o fizesse.

N'estas cousas o paraense, principalmente, es-tica o seu orgulho como a borracha da sua terra.



O meu fim, senhores, não é descrever-vos as cidades e as povoações que orlam em largos intervallos d'aqui para diante as margens do grande rio e de seus affluentes, que visitei e conheci; nem tão pouco fastidiar-vos com notas e estatisticas de que se não póde tirar grande proveito n'uma conferencia, cujo fim principal é dar-vos a conhecer rapidamente as bellezas naturaes, os costumes d'esses povos indigenas com quem convivi durante mezes, alem de ligeira noticia sobre tudo quanto possa interessar-vos ácerca da geographia e hydrographia d'esta região.

Devo dizer-vos que as mil e tantas leguas que fiz em vapores, em lanchas, em botes, em canoas de um só páo e até em jangada no Amazonas e alguns de seus affluentes, foi uma viagem decidida repentinamente, pois tendo de passeio chegado ao Pará em meados de Fevereiro do corrente anno, a fim de obter os ultimos dados para um trabalho que tenho no prélo, tive occasião de ser apresentado ao illustre governador d'aquelle estado, Dr. Lauro Sodré, que conhecendo o meu espirito investigador pelas cousas patrias, honrou-me com a

sua animação, offerecendo-me facilidades e recommendações que de muito valor me foram em tão proveitosa excursão.

A primeira parte d'esta longa viagem realisei-a a bordo do vapor *Izabel*, da Amazon Steam, que do porto do Pará largou a 25 de Março, gastando vinte e sete dias até alcançar Tabatinga na fronteira, e ganhando em mais tres dias n'aguas peruanas a cidade de Iquitos.

As impressões que recebi logo nos primeiros dias d'esta viagem, se bellas e encantadoras por um lado, foram por outro, desde logo tristissimas, quanto á vida a bordo.

Ninguém crê, ninguém avalia quanto é máu, quanto é ruim o pessoal d'estes navios e de todos aquelles quer particulares, quer de companhias subvencionadas pelo estado, que fazem a carreira de Manáos ao alto Amazonas, a principiar pelo primeiro *mandão* de bordo até o ultimo e miseravel servente que immundo e sujo inspira sómente repugnancia.

O commandante do *Izabel*, (verdadeiro modelo dos de sua classe) era um homem dotado de genio brando, calmo, ajuizado, mas tambem bom e sensivel demais. Talvez por isto mesmo, houve quem a bordo abusasse de tanta bondade e contasse

com ella de ante-mão para praticar desacatos e tentativas de morte; para se perceber no serviço de limpeza o cunho de uma negligencia e de um pouco caso intoleraveis; para soffremos horas dolorosas de encalhamento e muito mais.

Pondo de parte as peripecias da jornada, vejamos o que de mais interessante se me offerece relatar-vos.

Pouco populosas são ainda as povoações que orlam as margens do grande rio, ou dos ygarapés e canaes, no espaço comprehendido entre Pará e Manáos.

De todas as mais importantes, são, Santarem e Obidos, esta collocada sobre uma collina na margem esquerda do Amazonas, e aquella guardando a fóz do Tapajoz.

Monte Alegre á margem esquerda do grande rio e a cujo porto tivemos de atracar, é uma povoação insignificante, todavia a galhardia e a generosidade governamental já fel-a chegar á cathgoria de cidade! A sua população é apenas de seiscentos habitantes! Para se avaliar da sua importancia assim como de outros muitos logarejos situados n'esta região e que gozam de identicos fóros, basta dizer-vos que em toda a povoação o meu creado não conseguiu encontrar, para comprar, um só ovo!

São muito lindas as paysagens amazonicas, encantadoras as suas noites de luar, bellas e ricas as suas florestas, mas tudo isto que vale onde não se encontra os mais communs generos alimenticios?!

A vida por ali é tristissima, e a classe pobre que é a mais numerosa, como em toda a parte, soffre horrivelmente as consequencias da sua ociosidade sem limites. Um povo que se acostumou unicamente como o mineiro, a viver da industria extractiva, que abandona a verdadeira fonte de riqueza publica e particular, que é a—agricultura— não pôde deixar de pagar tão fatal tributo ao destino.

Em alguns logares do baixo Amazonas, onde se extinguiram os seringaes depois de muito explorados, pôde-se bem dizer:—A nossa riqueza de outr'ora é a nossa miseria de hoje. Ainda quando ha fartura de peixe tudo corre ás mil maravilhas, porém, isto dá-se durante poucos mezes do anno.

A alimentação principal em todo o Amazonas, compõe-se de pirarucú secco (vastres cuvieres) e farinha muito grossa de mandioca, fabricada no Maranhão, a que chamam farinha d'agoa, e da qual no preparo desaparece grande parte nutritiva.



Manaos, a capital do Amazonas, onde me demorei no meu regresso, outr'ora Villa da Barra do Rio Negro, era ha quarenta e cinco annos, uma povoação de cento e cincoenta casas e tres mil habitantes. É hoje uma cidade importantissima, com uma população de trinta e seis mil pessoas.

Possue já magnificas ruas e praças arborisadas e calçadas a madeira e parallelipedos, logradouros e jardins publicos, palacios e notaveis edificios do estado, taes como, o theatro e o palacio do governo, obras monumentaes no seu genero.

E' uma cidade que progride espantosamente. Acervos de terra, montões de pedras, renques de andaimes, tudo isto se encontra por todo o seu perimetro. Como succede com o Pará, este adiantamento data de pouco tempo, isto é, depois da proclamação da republica, que se por um lado trouxe entre os inimigos da patria, a desordem, a falta de tranquillidade publica e da garantia individual, por outro trouxe tambem uma serie de melhoramentos e de progresso material e industrial de que hoje o Brazil se póde ufanar, occupando in-

vejavel lugar entre as grandes nações da livre America.

Ultimamente poz-se em execução no Amazonas um novo plano de ensino, e só na capital funcionavam em Julho de 1894, vinte e duas escolas publicas providas de modernos apparelhos e utensilios para a pratica do ensino intuitivo.

Tratava-se da creação de uma escola modelo annexa ao curso normal, onde possam os aspirantes ao magisterio exercer a indispensavel pratica-gem.

Existem alli estabelecimentos de instrucção secundaria, taes como, o Gymnasio, Escola Normal e o Instituto de Artes e Officios, o Instituto Benjamin Constant, onde a infancia desvalida encontra a educação moral e intellectual, estabelecidas de accordo com as leis regulamentares do estabelecimento.

As condições sanitarias da capital do Amazonas são actualmente magnificas, tendo desaparecido com os aterros dos ygarapés que atravessam a cidade, as febres palustres que antes lá reinavam.

Em sua mensagem de 10 de Julho . . . o governador do estado diz, que de Junho de 1893 a Maio de 1894 houve apenas um quociente mortu-

ario de vinte cinco para cada mil habitantes, o que importa dizer, ser o estado sanitario d'ali o mais lisongeiro possivel.

A alimentação publica, infelizmente, continua a ser má e a peiorar de dia para dia.

A carne vende-se de dois a tres mil réis o kilo. Uma duzia de ovos custava 5\$000 réis. A industria pastoril e agricola por falta de braços que affluem para a industria extractiva, continuam estacionarias, e para o seu desenvolvimento o governo trata de facilitar as communicações interiores, abrindo estradas entre as quaes a do Rio Branco, que é o emporio d'aquella primeira industria no estado.

Sobre a emigração no Amazonas, parece-me que devo ler ao illustre auditorio esta curiosa peça, extrahida da mensagem governamental a que já me referi, dirigida ao Congresso do Amazonas, na sessão de abertura:

«Tem prendido a attenção dos poderes publicos em todos os paizes a magna questão da emigração, problema de grande valor sociologico.

«Em nosso paiz, já no tempo do regimen decahido, serviu de thema ás discussões na tribuna do parlamento e na imprensa, parecendo que só agora os estudos sobre tal assumpto vão ser coroados com os melhores resultados.



«Estado vasto e fértil, tem em seu seio thesouros inexgotáveis que jazem esquecidos da vida activa das nossas sociedades, porque não temos braços sufficientes para exhumal-os; para isso torna-se mister promover uma corrente emigratoria como já por muitas vezes tem acontecido.

«Para o sul, onde um clima agradável, temperado em certas epochas, assemelha-se ao de alguns paizes europeus, a emigração européa tem dado optimos resultados, erguendo á uma altura consideravel a lavoura que de 1888 a 1890 perigou com as consequencias inevitaveis da aurea lei que libertou os escravos do Brazil; mas para o norte, onde vivemos especialmente em uma zona queimada por um clima equatorial, certamente a emigração européa não poderá dar bons resultados.

«São confirmação d'esta verdade as tentativas feitas com algumas dezenas de familias européas, sem o menor resultado.

«Se para o norte e especialmente para o Amazonas está provado que é de effeitos negativos a emigração do continente europeu, onde ir buscar braços para dar vida á nossa lavoura que está quasi extincta e povoar o nosso vasto territorio que por assim dizer está inculto e dezerto?

«A experiencia hoje nos aconselha que devemos buscal-os no continente aziatico.

«As familias que da Europa têm vindo para o norte do Brazil e que não se acclimam, têm só concorrido para o despendio do erario publico e os poucos representantes que d'ellas ficam, demonstrando preferir o sacrificio do calor equatorial á miseria e á fome em seus paizes, dedicam-se quasi que exclusivamente ao commercio.

«Com os poucos representantes da raça amarella o mesmo não tem acontecido.

«Devido a esse povo é que o Perú, o Mexico, America Central, Cuba e finalmente S. Francisco da California, nos Estados Unidos da America do Norte, progrediram e viram nescer a sua prosperidade, dando calor e vida á industria e á lavoura.

«Se é exacto que os governos de alguns d'aquelles paizes foram obrigados a tomar medidas energicas contra a raça amarella que os povoava, porque se dedicavam a kleptomania todavia a razão pratica nascida da experiencia tem levado a concluir que só na China se dá áquelle vicio a população que habita o littoral do Celeste Imperio, onde em contacto immediato com os mercadores da Europa estudam-lhes os costumes e imitam-lhes a conducta; isso porém não se póde estender aos

chinezes das cidades que muito distam de Hong-Kong e Macáo, onde a par de uma boa educação civica, bebe a mocidade chinesa uma instrucção baseada nas mais severas lições de moral.

«Que importa que os principios religiosos a que obedecem os chins, com fanatismo até, nos obriguem a evitar o cruzamento de raças?

«Tragam-nos os processos de arrancar do seio da terra todas as suas riquezas; instruem-nos o sufficiente para dar vida á nossa lavoura; ensinemos como se deve cultivar o solo para tornal-o fertil; ministrem-nos os segredos para arrancar da terra os seus productos, que temos pouco que ver com a relutancia ao cruzamento de raças, que é graude por parte do chinez.

«Do que temos necessidade é do trabalhador. Precisamos de braços aptos e em abundancia para fazer produzir o nosso vasto territorio amazonense, e é no Celeste Imperio que devemos ir buscar-os.

«E' lá que podemos encontrar quem possa fazer avolumar-se a nossa população, nascer a nossa lavoura, e não na Europa, onde, por possuir uma raça mais forte, (porém, não apropriada ao nosso clima) vamos buscar o mercador para em nosso paiz immiscuir-se nos factos serios da nossa vida politica.

«Para maior convicção de que é de optimos resultados a emigração chinesa, é que algumas centenas de familias chegadas ao Rio de Janeiro têm-se applicado á lavoura, onde completamente affastadas da vida politica brasileira, trabalham enchendo de contentamento os lavradores que os receberam.

«Vós que tendes sido patrioticos em vossas deliberações, deveis habilitar o poder executivo a satisfazer a necessidade de encaminhar para esta região uma corrente emigratoria do Celeste Imperio unica emigração que actualmente nos poderá prestar serviços, por principio, indole e educação.»

Devo notar que o governador do Amazonas é um typo forte e robusto, homem de acção, em cuja physionomia se destaca o brilho de intelligente expressão, propria d'aquelles que sentem correr nas veias algo de sangue européu.

Como elle, eu poderia citar muitos outros que embora descendentes de uma raça talvez injustamente tida por pouco adiantada, tem chegado a engrandecer a historia com o producto do seu talento.

Todavia não é de esperar o mesmo nos futuros descendentes filhos do Celeste Imperio e muito

tem que soffrer com esta mixtão de raças o typo brasileiro.

Infelizmente, eu sinto dizer que a emigração chinesa não é mais do que uma escravatura disfarçada. O chinês de baixa classe é um ser banal, estúpido, mas trabalhador e humilde. E' o predominio do forte sobre o fraco.

Os mais ferverosos adeptos da emigração asiatica hoje, são justamente aquelles que eram outr'ora no sul e no norte, convictos e celebres escravocratas, senhores de tronco e algemas, ricos á custa do suor alheio; do sangue derramado e do vil azourrague!

Se o governo amazonico necessita de braços, de gente que se possa tornar apta para o serviço de lavoura e apropriada ao clima, vá ou mande arrancar do seio das florestas os milliares de pobres indigenas, que lá têm permanecido em plena barbaria, escapos da guerra que lhes continua a fazer o homem que passa por civilizado.

Debaixo de carinhoso ensinamento, de protecção, de agasalho, de conforto e sujeição, o selvagem de hoje, mau, traiçoeiro, imprestavel, tornar-se-ha um individuo prestante e o pae talvez de grandes cidadãos no futuro.

Áquelles que tiverem para isto uma resposta

ironica, eu direi—trate-se de cathechisar e não de escravisar.

E' d'ahi que eu avalio qual possa ser o futuro da emigração asiatica n'alguns estados do Brazil.

Agora quem falla é o illustre magistrado Dr. Assumpção Menezes. D'elle é uma serie brilhante de artigos publicados ha pouco na *Republica* do Amazonas sob a epigraphe «Cathechese dos Jauaperys».

Vou ler estas linhas:

«Se os Jauaperys não são aquelles indios barbaros, crueis, rebeldes á cathechese, porque já não chegaram aos centros civilizados, quando aliás outras tribus ahi estão prestando em maior ou menor escala os seus serviços?»

«Antes de tudo é conveniente advertir que eu não considero essas tribus que ahi estão prestando os seus serviços, como compostas de indios cathechisados.

«Fórmo um conceito muito mais elevado e serio do que seja cathechese.

«Frouxo, bem frouxo tem sido o empenho cathechisador do governo e particulares no Amazonas.

«Se, porém, cathechisar vem a ser synonimo de escravisar, a duvida tem logo uma resposta

prompta e é que as tribus de que se falla são compostas em quasi sua generalidade de indios escravizados, e não cathechizados.

«E essa escravisação tem sido plantada pela população adventicia que se interna pelo Estado, procurando as fabulosas riquezas que por ahí estão enthesouradas, as quaes só poderão a principio haver por meio dos indios, senhores dos segredos d'essas mesmas riquezas.

«Cathechese no seu rigor technico, scientifico, em regra não tem havido.»

O illustre governador do Amazonas é um espirito culto, segundo me pareceu, e portanto eu só posso distinguir nas rasões que apresenta sobre a emigração asiatica, uma suggestão mal entendida do partido politico a que pertence, se bem que este seja composto em sua maioria de homens de elevado merecimento intellectual. Por este e por outros motivos é que se vê com verdadeiro pezar que essa republica sonhada, e que podia fazer a felicidade do povo brasileiro, ainda não existe. Se hoje o Brazil tem leis adiantadas, a cegueira dos máos politicos, tem favorecido outras como a permissão do noviciado e a abertura dos conventos, de novo cheios de frades de todas as ordens, que prejudicam grande e fortemente o movimento progressivo da sociedade.

Apresentado e recommendado por alta influencia politica ao illustre Dr. Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas, dignou-se este cavalheiro prestar-me seus obsequios para o bom exito das minhas excursões, durante as quaes consignei alguns apontamentos, que reputo uteis, sobre a geographia e hydrographia d'esta região.



Logo ao deixar o rio Negro e a algumas horas de viagem Amazonas acima, temos á vista as insignificantes povoações de Anamá e Manacapurú e depois em continuação até Tabatinga na fronteira, Coáry, Codajás, Teffé (habitada outr'ora pelos indios Muras), Tonantins, Fonte Boa, Foz do Jutahy e S. Paulo de Olivença, logares quasi sem importancia alguma, tendo como de costume alguns d'elles obtido fóros que lhes não devem pertencer, pela falta de desenvolvimento commercial, pela pequena população e sobretudo pelo aspecto triste que apresentam sob todos os pontos de vista.

Posso não agradar a muitos usando d'esta franqueza, mas a verdade antes de tudo.

A justiça em muitos d'esses logares ainda não

poude ser distribuida como manda a lei porque muitas vezes aquelles que deviam contribuir para o bom andamento dos processos são os primeiros a apresentar embaraços. N'esse numero devo incluir alguns typos que gozam de importancia local e que têm seus nomes inscriptos no grande rol dos criminosos impunes.

O proprio governador tudo isto reconhecendo, não duvidou em chamar a attenção dos representantes do estado em sua mensagem. Assim diz elle:

«São contristadoras as noticias que sempre nos chegam do interior do estado ácerca da impunidade com que se praticam os mais horrorosos crimes. Os magistrados, aquelles a quem está confiado o sagrado dever de distribuir a justiça, nada podem fazer diante dos embaraços invenciveis que a cada passo encontram na prevenção e verificação dos crimes e na formação da culpa aos criminosos.»

Subindo o Amazonas, antes de chegar á altura da grande ilha de *Carapanatuba* que se encontra sem nome na carta de Smith, temos á vista a ilha de Jacitára a mesma que Castelnau e Smith denominaram erradamente de *Camera-Coary* que é o nome d'uma costa como reconheci pela derrota do pratico.

No mappa do Amazonas de Velloso Barreto, impresso em Lisboa, encontra-se o lago *Cayambé* separado de outro denominado *Jutica*, tendo cada qual a sua embocadura. Verifiquei que se deve tratar de um só lago e não de dois, havendo com effeito duas embocaduras separadas uma da outra por um kilometro e meio de distancia.

O lago *Catuá* que se acha mais abaixo communica com o Amazonas e successivamente por dois ou tres braços com o rio *Ipixuna* cuja foz se acha em frente da ilha do mesmo nome.

O conde de Castelnau, diz que a povoação denominada Fonte Boa está collocada sobre o pequeno rio *Cayari* (Caiari no mappa de Velloso Barreto) e que tem sua nascente n'um lago.

No entanto eu verifiquei que a nascente do *Caiary* está muito além do lago, sendo este formado por aquelle.

Tenho tambem minhas duvidas sobre o verdadeiro nome de um braço do *Japurá* que communica com o Amazonas abaixo de Tonantins e que Barreto denominou *Athy*, o mesmo de que tratou Castelnau com o nome *Ayuaytiá*.

Este mesmo illustre auctor diz-nos a pag. 64, tomo V, da sua obra em que trata da expedição que dirigiu nas partes centraes da America do Sul:



«La rivière de Tonantins est d'une largeur assez considerable, mais je ne pus rien obtenir de positif sur son cours: la plupart des habitants me dirent qu'elle avait peu d'étendue et qu'elle prenait sa source près du rio Içà; un seul me dit que c'était un bras du Japurà ce qui je l'avoue me paraît assez probables.»

O que posso assegurar é que nada d'isto é real.

Hoje, que o Tonantins têm sido melhor explorado por afoutos seringueiros, pode obter dados seguros a tal respeito, para affirmar que não se trata senão da bifurcação d'um braço do *Japurà* que vae communicar com o rio *Putumayo* ou *Içà*. Sendo estes os principaes canaes é para notar que outros todavia existem communicando eutre si e com alguns lagos habitados pelos indios Yuris.



A viagem no Amazonas é longa e monotona porque a perspectiva é sempre a mesma.

Tabatinga, ponto strategico onde o governo federal mantem uma pequena força militar sob o commando d'um official superior, está situada á

margem esquerda do Amazonas em um sitio elevado e pittoresco, pouco acima da foz do Javary. Os principaes edificios, como o quartel, igreja, paiol, etc. estão em ruinas.

Na fronteira peruana e na mesma margem, existe o posto militar de Leticia, situado tambem á margem esquerda, pouco abaixo do forte Gran Mariscal Castillo. E' este o primeiro porto do departamento de Loreto no Perú e foi fundada a povoação em 1867.

O povoado de Loreto, acima algumas horas de viagem, e que já foi a capital do districto da mesma denominação, está hoje quasi deshabitado e em sensivel decadencia.

Temos ainda as povoações de Caballo Cocha e Pebas, de pouca importancia, até chegarmos a Iquitos, emporio commercial do Alto Amazonas e do departamento de Loreto, cuja capital é Moyobamba

A cidade de Iquitos, terceira praça d'esta região em commercio e população, acha-se situada á margem esquerda do rio Amazonas, na latitude sul 3° 44' 20" e longitude 3° 5' 30" occidentaes 553, 1 kilometro acima da quebrada S. Antonio e 894 abaixo do porto de Jurymaguas.

Contem uma praça e vinte ruas rectas, largas, parallelas e planas.

No principio do seculo era uma aldea de indios Iquitos, em 1852, uma pequena povoação de pescadores indios e mestiços, de 350 habitantes. A sua prosperidade data de 1864. Possui para mais de 1000 casas e conta hoje mais de 8:000 habitantes.

O seu plano é devido ao capitão de mar e guerra D. Frederico Alzamora, durante a sua administração.

Tem cerca de cem estabelecimentos commerciaes. Possui cinco lojas de alfayate, dois salões de bilhares, quatro cabelleireiros, cinco casas de pasto, dois restaurants, tres olarias, tres padarias duas boticas, quatro sapatarias, duas fabricas de cigarros, duas typographias, uma serraria a vapor, dez mercearias de primeira classe.

Esta cidade apresenta a perspectiva de uma grande aldéa, pelas innumeradas habitações cobertas de palha ainda hoje.

A sua altura sobre o nivel do mar é apenas de 108 metros. Determino a temperatura media de Yquitos por duas observações de vinte e quatro horas cada uma e que não differem no maximo mais que um decimo de gráo — ella e de 26° — Abril de 1894.

A provincia de que Yquitos é capital, denomi-

na-se do Baixo Amazonas e acha-se limitada ao norte com a republica do Equador, a Leste com o Brazil, ao sul com os departamentos de Cusco, Ayacucho e Junin e ao oeste com os departamentos de Junin, Liberdade e Amazonas. Com a republica do Equador pelo curso do rio Pastaza até ao districto de Andoas e pelo rio Napo até á embocadura do Aguarico.

Com o Brazil pela margém esquerda do rio Javary desde a sua confluencia com o Amazonas e pela direita da quebrada de S. Antonio de cujas vertentes parte uma recta na direcção do N. que, atravessando o rio Içá toca a margem direita do Japurá em frente á foz do rio Apaporis.

O clima é quente e humido e não passa a temperatura de 33 do thermometro centigrado; no entanto a atmospheria é tão impregnada de humidade que nada lhe escapa, livros, roupa, calçado, etc. por mais bem acondicionados que estejam, se cobrem em poucas horas de espessa camada de vegetaes microscopicos. E' supportavel porém o calor e nem tão pouco são conhecidas molestias endemicas, com excepção de dysenteria, que se manifesta em certas epochas do anno, principalmente tendo como causa a intemperança dos habitantes.

O Amazonas ou Marañon, que é o tronco prin-

cipal, atravessa o departamento de O. para L. e recebe do N. os rios Santiago, Morona, Pastaza, Tigre, Nanay, Napo e outros e do S. Apuga, Poto, Huallaga, Ucayale, Cajurú, Javary e outros.

A navegação no Amazonas estende-se até o Pongo de Manseriche, a do Huallaga até (cachoeira) o Aguirre, do Ucayale até o rio Tambo; e os mais até certas alturas conforme o calado dos navios ou a epocha do anno.

Numerosos productos naturaes encontram-se até hoje perdidos pela difficuldade que acha o extractor para a sua exportação,

As unicas estradas conhecidas no departamento, são as que se dirigem da capital, passando por Tarapoto até Chassuta e a de Jeveros que passa em Balsapuerto e se ramifica em Parapapura e outros povoados.

Estas estradas são talvez as peiores de toda a America. Tanto uma como outra são muito escabrosas, cheias de curvas e verdadeiros precipicios.

As viagens são feitas na do Norte a pé ou ás costas dos indios, porque o caminho não permite a passagem de cavalgadas.

Ha tres annos que se achia em construcção, uma estrada que partindo de Jurymaguas se deve dirigir a Moyobamba.

O principal producto da industria do departamento, era outr'ora, o chapéu de palha que é conhecido no Brazil por chapéu do Chile. Nas provincias de Moyobamba e Huallaga principalmente o fabrico dos chapéus de palha constitue ainda a principal occupação dos seus habitantes.

A exportação d'esses chapéus para o Brazil data de 1855. D'esse anno a 1871 attingiu a exportação d'esse producto a 319:478 chapéus. De 1872 para cá a exportação d'esse producto, que ia em augmento, diminuiu consideravelmente com a extracção da borracha ou do caucho.

Antes de 1862 não era conhecida ainda n'esta região, esta rica industria extractiva, que alli foi inaugurada com o exemplo de José Joaquim Ribeiro, que se estabeleceu com uma pequena colonia de brasileiros já affeitos á extracção da gomma elastica, e que lutou com a má vontade dos agentes do governo peruano, aos quaes era dado a direcção dos negocios d'esta região.

De 1862 a 1863 a exportação d'esse producto, devida a esse brasileiro laborioso, foi de 2088 kilogrammas. A do exercicio de 1870 a 1871 foi de 58:584, e de 1889 a 1890 attingiu a 1.361:037 kilogrammas. A pesca do pirarucú, é hoje quasi nulla.

A extracção da salsaparrilha é variavel e pouco importante, sendo a exportação d'este genero em 1870, de 9:510 kilogrammas e a de 1889, pouco mais importante foi.

Este departamento exporta actualmente tambem magnifico tabaco de excellente qualidade e que reputo egual ao goyano, algodão, fio de tucum, redes d'este fio, manteiga de ovos de tartaruga, marfim vegetal, couros de veado e de outros animaes silvestres. Os mais productos agricolas não chegam para exportação.

A navegação é feita mensalmente pela companhia de navegação a vapor do Amazonas, cujos navios se resentem, como já disse, de commodidades para passageiros, porque são de carga.

Este departamento peruano divide-se em uma parte montanhosa e formada de grés-arenoso de formação Frias; outra humida e coberta de formações de alluvião.

Encontra-se abundancia de sal que é o principal producto mineral. A maior salina é a de Tachache cujo producto tem a côr rosada. As salinas de Pelluana e Callanayacu são abundantes e podiam abastecer de sal toda a America meridional. Encontra-se tambem gesso, pedra hume, enxofre, ferro argiloso, lignite e pedra calcarea.

O ouro encontra-se em varios pontos do departamento e crê-se que nas montanhas de Anquiza ha abundantes minas.

O padrão monetario peruano é o solar. A lei nas moedas de ouro e prata é $\frac{9}{10}$.

As numerosas tribus selvagens que infestavam esta região antes da viagem de exploração de Gonzalo Pizarro, e que uão haviam sido submettidas ao governo dos Incas, foram mais ou menos cathechisadas, havendo comtudo ainda hoje muitas que vivem no estado primitivo de embrutecimento.

Em 1870 o conselheiro W. de Mattos no seu dictionario topographico, avaliou a população do departamento em 68:000 habitantes, sem contar com muitas tribus selvagens. Em 1862, porém, *El Nacional* de Lima, estimou a população em 51:889 habitantes.

O recenseamento publicado em um periodico de Moyobamba dava, porém, apenas 50:999 habitantes. Este resente-se de grandes inexactidões.

Creio que a população de todo o departamento póde ser hoje comportada em 100:000 habitantes.

A instrucção primaria no Perú como no Brazil, é gratuita.

Em Moyobamba ha um collegio de ensino secundario.

A primeira auctoridade politica do departamento é o prefeito, que por um decreto especial deixa de residir na capital para residir em Yquitos cidade superior aquella em tudo, excepto em população.



Devo ter abusado da vossa benevolencia com estas relações e estatisticas, por isso para amenisar o meu trabalho, dar-vos-hei a conhecer uma das aldeias indigenas, que visitei.

A dos indios Cocamas, isto é, a mais proxima de Yquitos, está situada nas proximidades do lago Morona e do rio Nanay.

Forçosamente eu era acompanhado n'esta excursão, pelo sr. Alexandre de Freitas, um peruano filho de paes brasileiros, que patrocina e explora os indios como muitos fazem, dedicando-os na estação propria á extracção do caucho e do Jéve (borracha). Dois d'esses indigenas mais afeiçoados a este cavalheiro, nos acompanhavam, auxiliando-nos na travessia atravez da espessa floresta, cujo terreno turfoso e humido parecia muitas vezes ceder ao peso do nosso corpo.

Empeçilhos de todo o genero surgiam de instante a instante, difficultando-nos a marcha. Ora tinhamos de passar um lago com agua pela cintura ou ás costas dos indios, ora tinhamos que fazer exercicios de equilibrio sobre máos estivados, compostos de grossos páos collocados em seguimento n'um caminho lamacento, e romper em canoa atravez das florestas submersas (ygapos) entre um emaranhado de lianas e trepadeiras. Assim chegámos nós ao lago Moróna de onde passámos ao Nanay. A agoa do rio inundava a margem esquerda até grande distancia, de fórma que não conseguimos ir na fragil *ygara* até perto das malócas, e ao saltarmos em terra chegou a nossos ouvidos, o ruido da vozeria dos selvagens que logo soubemos estarem em festas.

Entramos n'uma das principaes malócas. A' esquerda estavam sentados, em grupo, varios indios mais ou menos embriagádos, assim como algumas mulheres e creanças, que á direita se acooravam umas atraz das outras sobre colossal giráo.

Todas tinham o rosto pintado de preto com o succo de genipapo, o que lhes dava um aspecto triste e repugnante.

Esta cór é o nito dos Quéchuas.



Algumas estavam núas da cintura para cima e usavam um panno tinto de azul á roda da mesma que ia até á altura dos joelhos. Traziam os cabellos soltos e nos pulsos, assim como abaixo da barriga das pernas, usavam pulseiras de sementes e contas, algumas bordadas caprichosamente sobre fios de tucum.

Ornavam-lhes o pescoço vistosos collares de dentes de mono, graciosamente engastados n'um grosseiro tecido. Usavam tambem de outros ornamentos bizarros.

Em geral, pareceram-me mais bellos os homens que as mulheres. Quasi todos tinham os cabellos cortados e em nenhum d'elles distingui vestigios de barba ou bigode.

Esta primeira malóca pertencia ao *curaca* ou *tuchaua* (chefe) que meio embriagado, tambem parecia desfructar áquella hora do dia as delicias da séssta, deitado em uma rede velha de embira, armada ao centro da grande palhoça.

Despertando com a nossa aproximação não se mecheu para receber-nos, e pelo contrario deixou-se ficar á vontade na mesma posição resolvendo-se sómente afinal, em trocar algumas palavras no seu dialecto com o companheiro. De par com todos os selvagens d'esta tribu, raramente nos encarava; e

na sua physionomia descobria-se um sorriso zombeteiro, de homem descuidado e negligente.

Deixando a malóca do chefe, visitámos seguidamente outras muitas, nas quaes reinava a mesma orgia e grande deboche. Alguns indios estavam feridos e ensanguentados parecendo dispostos a entrar em lucta uns com os outros, por prazer e por passatempo!

As casas dos Cocamas são em fórmula de grandes barracas cobertas de palmas seccas e bem ajustadas umas nas outras. Não existem paredes nem divisões. A vida é em commum e em cada casa vivem diversos casaes.

Não havia ordem na construcção e a floresta rodeava-as a uma distancia de cinco ou quinze metros ao redor.

Ensinaram-me a conhecer o cipó de que tiram o veneno para hervar as armas, principalmente para accommerter os macacos.

Pertence esta planta ao genero *Cocculus* (C. *Toxiciferus* de Weddel).

Tambem encontrei alli a arvore do leite, denominada pelos peruanos arvore vacca. Produz uma gomma que podia substituir a arabica e que se toma como alimento e se póde usar, misturando-a e dissolvendo-a no café ou chá como se faz com o leite condensado.

Algumas das mulheres traziam tambem o rosto pintado de encarnado, em varios pontos, com o urucú, que os peruanos chamam *achiote*.

A sua alimentação compõe-se quasi exclusivamente de bananas assadas (platanos), e mandioca que plantam e cultivam.

A tribu dos Cocamas do Huallaga, hoje dividida e esparsa, habitava de 1600 a 1700, segundo fui informado, em uma bella lagoa, em cuja margem o padre Lucero fundou uma missão.

Até o anno de 1881 tinha esta tribu o costume de comer os cadaveres de seus parentes. Diziam elles que, «melhor era entrarem para o estomago d'um parente, que servirem de alimento aos corvos e á terra negra!»

No anno de 1830, por effeito dos máos tratos que lhes davam os soldados existentes na povoação de Lagunas, abandonaram-a e desceram para Nauta onde se estabeleceram.

São muito doces e intelligentes.

Prestam-se bem como tripulantes de pequenas embarcações. São *christãos*, mas conservam ainda antigos habitos.

Em certa epocha do anno açoutam-se com um latego de couro de peixe boi, na extremidade do qual prendem fragmentos de ossos ou de cascas

de marisco para sangrar-lhes o corpo, que muitas vezes fica em deploravel estado.

Quando a hemorragia é abundante tomam banhos de agua fria.

Fabricam varios vasos, potes e pratos de barro, pintados exteriormente de diversas côres obtidas de argilas. Alguns d'estes potes tem enormes proporções, e servem para o fabrico e conservação de uma bebida que muito apreciam, denominada *caissuma* feita de mandioca cozida e ferventada.



Deixando as malocas dos Cocamas e meu companheiro o sr. Freitas, que teve de voltar a Yquitos, parti mais os dois indios em busca da terra firme que alcancei, depois de viajarmos durante meia hora n'uma floresta submersa (em canôa).

Esta excursão, aliás penosa, foi-me bastante util no entanto, e tive ensejo de notar a perspicacia e sagacidade de que eram dotados os meus guias, que a final me não inspiravam senão confiança de sua parte.

Caminhavamos pela floresta a dentro onde não havia a menor sombra de caminho. N'estas partes a vegetação apresenta-se soberba e differe sensi-

velmente d'essa vegetação rachitica que bem se póde denominar *amphibia* e que cobre os terrenos baixos e quasi sempre inundados do Amazonas e seus affluentes. Por aqui se vê quão pouco conhecimento têm das grandezas d'esta região, aquelles que percorrem estes rios em vapor e apenas do parapeito de bordo encontram inspiração para as suas descripções pobres e banaes.

Debaixo d'esta vegetação a vida organica apresenta-se sob todas as suas manifestações e o homem civilizado que quizer conhecer os segredos das naturezas virgens, tem necessariamente de deixar o concheço do lar e aventurar-se, de botas e *sombrero* de abas largas, de espingarda ao hombro e faca á cinta, por estas terras dentro, tal e qual como fazem os sabios e exploradores, ou simplesmente os forasteiros teimosos por inclinação e gosto, a cujo numero pertença.

Acabava de contemplar no seio da floresta um exemplar da arvore colossal, que os peruanos denominam Tarapoto, cujas raizes se dividem desmesuradamente acima do solo e atravez das quaes se podem esconder vinte homens, quando um dos guias chamou a minha attenção para um sapo muito temido n'estas paragens, e que se achava a pouca distancia de nós.

É conhecido por *Bacurúru*, e é venenoso.

Contaram-me que usam chegal-o perto do fogo, a cujo calor elle despede pelos poros uma materia que é um veneno terrivel e que me parece ter a propriedade de atacar directamente o coração. Realmente provou-se uma vez o effeito d'essa substancia, tocando-se com ella a bocca de dois cães, um dos quaes fóra curado ha tempos da mordedura de uma cobra venenosa. Ambos cahiram estorcendo-se, no entanto o primeiro salvou-se, ao passo que o segundo morreu. Antecipadamente houve quem affirmasse que este morreria sem duvida.

Uma planta que tambem chamou minha attenção foi o *Hirarama* de que os indios tambem tiram veneno para hervar as flechas.

A caça aqui é rara por causa da guerra e extermínio que diariamente os indios lbe movem, havendo porém, com abundancia, á proporção que se caminha para o interior.

Das minhas investigações posso concluir que são em abundancia as riquezas naturaes e bem mal conhecidas ainda.

Cada nova exploração põe a descoberto cousas antes desconhecidas, o que faz crer com justa razão, que tudo excede o que póde alcançar a nossa imaginação.

Sobre o rio Nanay, que continua apenas a ser navegado por canoas de selvagens e de raros exploradores ou aventureiros, tenho as seguintes informações que se dignou ministrar-me o sr. Freitas.

Disse-me elle, que um seu irmão, audaz viajante, subira o Nanay durante trinta e seis dias, até que chegando a uma altura em que o rio se estreitava e se cobria com numerosos páos e arvores cahidas que impediam a passagem da sua piroga, voltou para traz. A's vezes mandava subir os indios ás mais altas palmeiras (*buritys*) e desciam depois dizendo que o rio continuava sempre escoltado pelas preciosas plantas.

Passando ao rio Ytayo, cuja foz está acima de Yquitos, consegui, na companhia de um joven allemão, gerente da casa Weche, e n'uma lancha a vapor que se dignou pôr á minha disposição, alcançar o ponto na margem direita onde se acham as malocas dos indios *Munichis*, cujo aspecto era quasi o mesmo que encontrei nas dos Cocamas.

Os *Munichis* cultivam um arbusto denominado por elles *Yaca* de que se servem para apanhar o peixe nos lagos, depois de impregnarem as aguas com o succo da mesma planta e cujos effectos narcoticos se fazem sentir rapidamente.

Encontrei em suas malocas muita carne defumada, platanos, mandioca, etc. N'esta occasião achavam-se ali apenas mulheres com as quaes não conseguimos trocar uma palavra nem obter cousa alguma. Muitas d'ellas, correram para o matto ao avistarem-nos. Os homens estavam longe occupados na caça.

Um allemão que habita perto da foz do Itayo informou-me de que o subiu, explorando seringaes até muito acima e que o achou francamente navegavel.

Ao subir passa-se primeiro a foz do ygarapé Massano á margem direita e outro que communica á esquerda com o lago Morona e rio Nanay. Depois temos varios affluentes entre os quaes o Yanayácu, na margem direita e o Pintoyácu e o Yurayácu na margem esquerda.



A minha viagem n'estas regiões estendeu-se até Jurimaguas, que fica situada á margem esquerda do Huallaga e na foz do Paránapura, durante a qual experimentei amargas horas de soffrimento e de mal estar.

Jurimaguas está situada em terreno elevado na latitude sul 5° 3' 13" e longitude occidental 5° 58' 48" na distancia de 244 kilometros da foz do Huallaga.

De todos os pontos que tenho visitado n'esta região é Jurimaguas o mais bello. Só a penna de um inspirado das Musas poderia bem descrever o magnifico panorama que ali se desdobra aos olhos do viajante.

Basta lançar a vista sobre o Huallaga, matizado de numerosas ilhas cobertas de luxuriante vegetação, admirar as suas agoas rolando mansamente ao pé da barranca, ou banhando as alvas praias que em certa epocha do anno lhe vão ficando a descoberto para que o forasteiro se deixe prender de profundo extase. Se em vez porém, da mudez que reina n'estes desertos e que tudo parece envolver na doce paz de innumeros mysterios, se visse essa corrente preguiçosa e indolente serpenteada por centenas de bárcos a vapor, que trouxessem o commercio e a vida a estas paragens segregada do progresso, como não seria mais bello o quadro que ora pallidamente se desdobra a nossos olhares?!

Jurimaguas era em 1873 uma pequena povoação que apenas continha uns trezentos descendentes.

tes dos antigos Jurimaguas. E' hoje uma cidade de tres mil habitantes e o porto mais commercial depois de Yquitos. E' o ponto terminal da navegação a vapor, convindo notar que só é visitado por pequenos navios pertencentes a casas commerciaes.

Esta circumstancia hade trazer mais tarde ahí grande animação e desenvolvimento.

O mais soberbo espectaculo que se apresenta aos olhos do viajante quando se approxima, ou se acha em Jurimagoas, é o fundo do quadro d'esta região perfeitamente descortinado nos elevados montes que tem á vista, primeiros degráos dos magestosos Andes.

Um homem sente então vontade de poder em um momento galgar aquelles elevados pincaros, chegar a um ponto de observação e descortinar um horisonte que até agora se lhe esconde no silencio das florestas amazonicas.

Jurimaguas que acabo de descrever, era n'esta occasião em que infelizmente lá aportei, victima de uma epidemia que lhe estava ceifando numerosas vidas, ao mesmo tempo que a maioria de seus habitantes a abandonava, coberta de pavor.

Póde-se bem avaliar do terror que incute n'estes centros semi-civilizados, a noticia do apparecimento da variola, como ali succedia.

Assim é, que eu só, sem um companheiro, um amigo, ou quem me auxiliasse, me vi na dura contingencia de comprar nma canoa ao primeiro mercador que me appareceu, para poder regressar, já que me não era possivel seguir adiante.

A despeito dos esforços empregados pela auctoridade e da boa e generosa paga que offereci, foi impossivel obter um só homem, ou um unico guia para me acompanhar. Tudo havia fugido já para outros pontos com tempo de evitar grandes males. Jurimagoas ficara deserta em dois dias.

Assim, viajando só, na minha canoa, dia e noite, sem conhecer o rio e seus numerosos braços, os perigos a que estava exposto e tudo o mais, servindo de remador e fazendo ao mesmo tempo as vezes de timoneiro, sentado á popa da embarcação, consegui alcançar um sitio onde, sobre uma paliçada descobri uma jangada abandonada e ali deixada pelas agoas na ultima enchente. Foi n'ella, preza a canoa, que desci o Huallaga até alcançar o porto de Lagunas na margem direita, onde vive um homem que se serviu levar-me a pé até a aldeia dos indios Cocamilas, cujo curaca me proporcionou tres guias, habeis remadores, que me levaram ao porto de Parinari, na margem esquerda do Amazonas.

Não me é dado n'este trabalho, já bastante extenso relatar as peripecias d'esta longa, enfadonha, mas curiosa viagem.



Acima da foz do Huallaga o Amazonas é quasi deserto, havendo apenas os sitios de Santo Antonio e Barranca, onde arrojados aventureiros costumam estacionar para traficar com os selvagens que habitam os rios Morona, Santiago e Pastaza.

Entre as tribus que habitam esta ultima região, devo citar como mais feroz a dos *Huambizas*, que vive nos rios Santiago e Morona.

Em 1841, atacaram estes indios as missões existentes n'aquellas paragens, pondo em fuga os seus habitantes. Em 1843, assaltaram a povoação de S. Thereza, assassinando todos os moradores. A villa de S. Borja foi destruida por esta tribu, que ainda no anno de 1868 assassinou onze pessoas que ali tinham ido estabelecer-se, com o fito de se empregarem nos trabalhos de mineração aurifera.

Os Huambizas são inimigos dos Huarunas dos rios Cahuapanas e Nieve, com os quaes estão

sempre em guerra e são os unicos que preparam as cabeças dissecadas dos grandes guerreiros que conseguem matar.

O processo de escalpe por elles usado deve ser curiosissimo e tem chamado a attenção em França e na Allemanha, dos mais afamados anatomistas sem que a sciencia tenha podido explicar o systema que taes indios adoptam, porquanto os dois systemas conhecidos pela medicina, de dissecação e masserção, produzem o desprendimento do cabello, em epocha determinada.

A meu ver, devem estes selvagens possuir certas raizes ou substancias vegetaes, que applicadas á pelle, produzem o encolhimento da mesma, sem damnificar o cabello.

Creio que empregam pedras quentes, usando da calcinação e maceração. A extracção dos ossos do craneo deve ser muito morosa, porque isto se deve dar depois de triturados.

Como se pôde ver, estas cabeças apresentam a vantagem e singularidade da conservação do physico e de maneira a poder distinguir-se o morto, estando adherido o cabello.

Os poucos exemplares que apparecem tem sido trocados por magnificas armas, redes e mercadorias de valor, pois só assim os indios se se-

param d'ellas, e que lhes faz grande falta nos seus dias de festa.

As difficuldades que se encontram na obtenção de cada exemplar, tem-lhes dado maior importancia ainda, sendo que, mesmo em Yquitos não se consegue uma por menos de vinte libras e as poucas enviadas a Paris, têm sido vendidas por mais de mil francos cada uma.¹



Terminando, devo pedir me releveis a ousadia que tive até agora, abusando da vossa benevolencia.



¹ O conferente apresenta ao auditorio um exemplar, assim como as suas collecções indigenas, lembrando o nome do illustre Consul Geral do Brazil em Iquitos, Dr. Benjamim Graça, que lhe ministrou informações e o auxiliou bastante durante a sua excursão ao Alto Amazonas.

Linguagem dos cocamas

Os seguintes apontamentos grammaticaes, são fragmentos d'um trabalho que tenho em mãos e poderão talvez servir de cabedal para o estudo da linguagem dos Cocamas.

Como em quasi todas as lingoas selvagens e compostas de onomatopeas a pronuncia é muitas vezes aspirada.

Para conseguir bons resultados não enfronhei as mãos um só momento que me pareceu aproveitavel, tratando de passar ao papel simplesmente o que ouvia ao proprio indio dizer e pronunciar.

Declinação dos nomes

<i>N. Patiri</i>	Padre
<i>G. Patiri-uca</i>	Casa de padre
<i>D. Patire-supe</i>	Para o padre
<i>Ac. Patire</i>	Ao padre
<i>V. Patire</i>	Padre
<i>Ab. Patiri-sue</i>	Do padre
<i>Patire-muque</i>	Com o padre
<i>Patiri-se-cuyara</i>	Em lugar do padre
<i>Xita patira</i>	Muitos padres
<i>Ira Patiri</i>	Padre bom
<i>Patiri-mari-eira</i>	Cousa do padre bom
<i>Patiri-eira-soupe</i>	Para o padre bom
<i>Ira patiri</i>	Padre bom

Declinação dos pronomes

SINGULAR		PLURAL	
<i>Ta</i>	Eu	<i>Tana</i>	Nós outros
<i>Ta mari cana</i>	Minhas coisas	<i>Tana-mari</i>	Nossas cousas
<i>Ta soupe</i>	Para mim	<i>Tana soupe</i>	Para nós outros
<i>Ta</i>	A mim	<i>Tana</i>	Nós outros
<i>Ta muque</i>	Commigo	<i>Tana sue</i>	De nós
<i>Ta iqua</i>	Por mim	<i>Tana muque</i>	Commosco
		<i>Tana iqua</i>	Por nós

SINGULAR		PLURAL	
<i>Ene</i>	Tu	<i>Epe</i>	Vós outros
<i>Namaricaná</i>	Tuas cousas	<i>Epe-mari</i>	Cousas vossas
<i>Na soupe</i>	A ti, para ti	<i>Epe-soupe</i>	Para vós
<i>Na</i>	A ti	<i>Epe</i>	A vós
<i>Na sue</i>	De ti	<i>Epi sui</i>	De vós
<i>Ene muque</i>	Comtigo	<i>Epi muqui</i>	Comvosco
<i>Ene iqua</i>	Por ti	<i>Epi iqua</i>	Por vós
Abreviatura= <i>niquá</i> — Por ti			

Outros pronomes

<i>Iquí</i>	Este	<i>Iquícana</i>	Estes
<i>Iquí níá piçara cana</i>			Estes homens
<i>Iquí ana cana</i>			Estas pessoas

Usa-se de *níá piçara cana*, quando se quer tratar de qualquer individuo do sexo masculino. Para o sexo feminino da mesma fórmula usa-se de *huaina*. Fallando-se no plural, junta-se sempre esta partícula—*cana*—que é o mesmo que mais de um.

Do nome comparativo

<i>Ta-eira na sue</i>	Sou melhor que tu
<i>Ta sasau na sue</i>	Sou mais (superior) que tu
(<i>Eira</i> corresponde a <i>catú</i> da lingua geral)	

Do nome superlativo

<i>Ta iquáci eira</i>	Estou muito bom
<i>Ta iquaci eira na sue</i>	Son muito melhor que tu
<i>Miara</i> —macaco	<i>Miarauassú</i>

Do nome diminutivo

O diminutivo se usa ajuntando *kira*.

<i>Huaina</i> mulher	<i>Huaina-kira</i> mulhersinha
----------------------	--------------------------------

Usa-se tambem de *miri* quando se quer depreciar ou se trata de cousa inanimada, insignificante e de má qualidade.

Do numero numeral

Os numeraes não são mais que quatro:

Upi um, *Mocuica* dois, *Musapérecá* tres, *Iruaca* quatro.

<i>Chita céme</i>	Innumeraveis
<i>Chita uyari</i>	Muitas vezes
<i>Atchiuata</i> ou <i>atchiuana</i>	Um pouco
<i>Upi</i>	Todos
<i>Uipirapa niari</i>	Algumas vezes

Do nome ordinativo

<i>Ygatira</i>	Primeiro (significando adiante)
<i>Sacapéire</i>	Segundo
<i>Sacapurécimi</i>	Corresponde ao ultimo

Do nome distributivo

<i>Yipi rápa</i>	De um em um
<i>Mocuca rápa</i>	De dois ou dois
<i>Mussapérecá-rapa</i>	De tres em tres, etc.

Dos nomes reciprocos

<i>Yumi</i>	Dar
<i>Rana yumi ta supi</i>	Dão-me
<i>Rana yumi tana supi</i>	Deram-nos

Verbos

Portuguez	Cocama	Guarany
Andar	<i>Uatá</i>	<i>Aguatá</i>
Provar	<i>Sani</i>	<i>Ahaã</i>
Amar	<i>Sachita</i>	<i>Ahahú</i>
Queimar	<i>Oukita</i>	<i>Ahapi</i>
Guardar	<i>Yratura</i>	<i>Ahârõ</i>
Padecer	<i>Yporara</i>	<i>Aporará</i>
Comprar	<i>Puripi</i>	<i>Ayá</i>
Matar	<i>Umanuta</i>	<i>Ayucá</i>



Ayuca em *cocama* significa espancar, maltratar.

Pé	<i>Pêta</i>	<i>Pi</i>
Peito	<i>Putiá</i>	<i>Piá</i>

Sendo estes vocabulos guaranys, tirados de Montoya, occorre-me o seguinte com relação á significação de *Piá*. Em toda a parte onde se falla a

lingua geral, sempre verifiquei que *Piá* significa co-
ração e não peito, entretanto Montoya a pag. 96
da sua Arte, erra, para a pag. 164 do Vocabula-
rio, 1.^a parte, dar a verdadeira significação de *Piá*.
Na lingua geral *Putiá* ou *Potiá* significa peito.

Ypurakari — caçar

Presente do indicativo

AFFIRMATIVO

<i>Ta ypurakari</i>	Eu caço
<i>Ene ypurakari</i>	Tu caças
<i>Uri ypurakari</i>	Elle caça
<i>Tana ypurakari</i>	Nós caçamos
<i>Epe ypurakari</i>	Vós caçaes
<i>Rana ypurakari</i>	Elles caçam

NEGATIVO

<i>Ta tema ypurakari</i>	Eu não caço
<i>Ena tema ypurakari</i>	Tu não caças
<i>Uri tema ypurakary</i>	Elle não caça
<i>Tana tema ypurakary</i>	Nós não caçamos
<i>Epe tema ypurakary</i>	Vós não caçaes
<i>Rana tema ypurakary</i>	Elles não caçam

Nota. Algumas alterações se tem notado no
dialecto dos Cocamas, com certeza por se terem
separado e vivido isolados. Assim é que em Pari-

nari um cocama disse-me não conhecer o vocabulo *ypurakari*, e explicando-me, que para elle *Tá-ciquitara*, significa: eu vou pescar ou caçar. Entretanto os cocamas de Morona Cocha affirmaram-me que usam amboſ e que cada qual tem o seu significado.

Futuro

<i>Ta ypurakariari</i>	Eu caçarei
<i>Ene ypurakariari</i>	Tu caçarás
<i>Uri ypurakariari</i>	Elle caçará
<i>Tana ypurakariari</i>	Nós caçaremos
<i>Epe ypurakariari</i>	Vós caçareis
<i>Rana ypurakariari</i>	Elles caçarão

Preterito

<i>Ta ypuraka suripe</i>	Eu caçei, etc.
--------------------------	----------------

		Castelnau
<i>Pira-pira-taca</i>	Raio	<i>Pira-pira-caca</i>
<i>Upa</i>	Está acabado	<i>Oupouri</i>
<i>Apainiu</i>	Comer	<i>Apiniou</i>
(Upuri significa cahir na agoa)		

<i>Macati panussi?</i>	Onde vás?
<i>Aua cutipiquiara?</i>	De quem é este lugar?
<i>Matchirancü?</i>	Como se chama?

Vocabolarios

		Castelnar
Rio	<i>Parana</i>	<i>Parana</i>
Deos	<i>Yara</i>	<i>Yara</i>
Terra	<i>Tuyuca</i>	<i>Toyouca</i>
Olho	<i>Chisasi</i>	<i>Chisa</i>
Beber	<i>Curata</i>	<i>Curata</i>
Dormir	<i>Uquéri</i>	<i>Ouqueri</i>
Caminho	<i>Pi</i>	<i>Pi</i>
Grande	<i>Tua</i>	<i>Toua</i>
Pequeno	<i>Tchura</i>	<i>Tchuranani</i>
Sim		<i>Achisima</i>
Preto	<i>Suni</i>	<i>Suné</i>
Agoa	<i>Uni</i>	<i>Uné</i>
Homem	<i>Niapiçara</i>	<i>Niapisara</i>
Mulher	<i>Oina</i>	<i>Ouina</i>
Cobra	<i>Mui</i>	<i>Mui</i>
Amanhã	<i>Camutone</i>	<i>Camutone</i>
Hoje	<i>Icumi</i>	<i>Icumi</i>
Adeos	<i>Tusapà</i>	<i>Tusapa</i>
Flecha	<i>Ua</i>	<i>Ua</i>
Flor	<i>Sisa</i>	<i>Sisi</i>
Casa	<i>Uoca</i>	<i>Uca</i>
Não	<i>Tema</i>	<i>Temari</i>
Folhas	<i>Ieuratsa</i>	<i>Eouarassa</i>
Remo	<i>Yapuquita</i>	<i>Yapouquita</i>
Braço	<i>Yua</i>	<i>Iguá</i>
Pedra	<i>Itaqui</i>	<i>Itaqué</i>

Lago	<i>Ypasso</i>
Floresta submersa	<i>Ygapo</i>
Peixe	<i>Ypira</i>
Fogo	<i>Tata</i>
Lua	<i>Yaci</i>
Sol	<i>Guaratchi</i>
Estrella	<i>Chicò</i>
Avô	<i>Amoe</i>
Avó	<i>Nai</i>
Tio	<i>Paï</i>
Tia	<i>Ma</i>
Sogro	<i>Takira</i>
Genro	<i>Itchmari</i>
Madeira, páo	<i>Eyuirá</i>
Branco	<i>Tmi</i>
Encarnado	<i>Petani</i>
Azul	<i>Oenepuca</i>
Verde	<i>Eicura</i>
Amarelo	<i>Yum</i>
Canoa	<i>Ygara</i>
Passaro	<i>Huirá</i>
Nariz	<i>Ti</i>
Bocca	<i>Yóru</i>
Cara	<i>Chicá</i>
Cabello	<i>Yakissa</i>
Comichão	<i>Yucara</i>
Ardor	<i>Uávaro</i>
Dor	<i>Satchi</i>
Curandeiro	<i>Payun</i>
Crocodilo	<i>Yacari</i>

Fructo	<i>Iá</i>
Arvore	<i>Euaí</i>
Folha	<i>Sá</i>
Bicho	<i>Oura</i>
Orelha	<i>Nami</i>
Pote	<i>Moritso</i>
Preguiça (animal)	<i>Ague</i>
Terra firme	<i>Iwata</i>
Montanha	<i>Iwatita</i>





BIBLIOTECA
NACIONAL
BN



1001776283



56011538560118560